

ARQUI TETURA E URBANISMO:

SENSIBILIDADE PLÁSTICA,
NOÇÃO DO ESPAÇO,
IMAGINAÇÃO E
MEMÓRIA VISUAL

2

PEDRO HENRIQUE MÁXIMO PEREIRA
(ORGANIZADOR)

ARQUI TETURA E URBANISMO:

SENSIBILIDADE PLÁSTICA,
NOÇÃO DO ESPAÇO,
IMAGINAÇÃO E
MEMÓRIA VISUAL

2

PEDRO HENRIQUE MÁXIMO PEREIRA
(ORGANIZADOR)

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Arquitetura e urbanismo: sensibilidade plástica, noção do espaço, imaginação e memória visual 2

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Pedro Henrique Máximo Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A772 Arquitetura e urbanismo: sensibilidade plástica, noção do espaço, imaginação e memória visual 2 / Organizador Pedro Henrique Máximo Pereira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-968-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.681221002>

1. Arquitetura. 2. Urbanismo. I. Pereira, Pedro Henrique Máximo (Organizador). II. Título.

CDD 720

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Enquanto o livro “Arquitetura e urbanismo: sensibilidade plástica, noção do espaço, imaginação e memória visual”, volume 1, tensiona sobre as possibilidades de **produção** e **percepção** do espaço, este volume 2, agora diante das leitoras e leitores, por sua vez, possui outra característica.

Há aqui três agrupamentos possíveis. O primeiro encontra-se nas reflexões sobre a **desigualdade social**, a necessidade da habitação e os meios para alcançá-la. O segundo está estritamente detido nas questões relacionadas ao **ensino** de arquitetura, de projeto de arquitetura, da paisagem e à pesquisa. O terceiro, por fim, está relacionado ao **patrimônio**, à memória, aos centros históricos e às obras isoladas de valor artístico e histórico.

Este conjunto pode ser traduzido, face ao contexto mais amplo de crise e pandemia que vivemos, com as preocupações atuais sobre as demandas por ele trazidas ou aprofundadas.

Primeiro, quais as causas do aumento da desigualdade e, por consequência, da crise habitacional que empurrou milhares de pessoas à informalidade e à situação de rua no Brasil? Como solucionar este problema em agravamento acelerado? Como interrompê-lo agora e no médio-longo prazo? Quais exemplos efetivos podem ser trazidos à mesa para o debate?

A segunda preocupação encontra-se concentrada nas reflexões sobre o ensino de projeto de arquitetura e da paisagem. Quais os rumos do ensino face às demandas recentes? Como reforçar habilidades e competências necessárias para o pleno exercício crítico da profissão a partir do ensino e da pesquisa? Quais métodos utilizar? Como avaliar tais resultados?

A terceira preocupação está detida no valor patrimonial, histórico e artístico dos centros históricos e obras isoladas. Quais impasses estão presentes no patrimônio histórico? Quais mensagens tais patrimônios nos trazem ao presente? Aqueles monumentos que não traduzem necessariamente valores humanitários do presente, são para preservar ou apagar? Como reconhecer e resgatar o valor e o sentido de beleza de sítios históricos e de obras isoladas recentemente reconhecidas como relevantes? Como valorizá-las, trazê-las à tona, conservá-las?

Caro leitor, cara leitora. Certamente os textos presentes neste segundo volume não nos apresentarão respostas definitivas a tais questionamentos. Certamente não há respostas fáceis e prontas para nossos dilemas aqui representados. No entanto, este rico conjunto de textos reflexivos e críticos contribuirão para os debates já existentes, mas estressados pelas realidades que nos assolam, de modo ímpar.

Assim, estimo, a leitoras e leitores, excelente leitura e reflexão!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROBLEMA DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NO BRASIL

Giuliana Lima Oliveira

Vera Santana Luz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6812210021>


CAPÍTULO 2..... 18

TRANSDISCIPLINARIDADE E PRODUÇÃO DE HABITAÇÃO SOCIAL INFLUÊNCIA DOS REGULAMENTOS MEXICANOS

Thania Batista Estévez

Bertha Lilia Salazar Martínez

Luis Arturo Vázquez Honorato


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6812210022>

CAPÍTULO 3..... 27

NOTAS SOBRE UNA EXPERIENCIA FORMATIVA RADICAL: TALLERES ARTÍSTICOS Y TÉCNICOS SUPERIORES (VKHUTEMAS VKHUTEIN 1920-1932)

Celso Valdez Vargas


Selene Laguna Galindo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6812210023>

CAPÍTULO 4..... 44

APONTAMENTOS SOBRE AS AULAS DE PROJETO EXECUTIVO NO ÂMBITO DA EAU-UFF A EXPERIÊNCIA DO PROJETO EXECUTIVO NAS ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO, UMA REFLEXÃO


Pedro da Luz Moreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6812210024>

CAPÍTULO 5..... 57

EL TALLER DE PAISAJE, ESTRATEGIAS Y OBJETIVOS, EMPATIA, LA ARQUITECTURA COMO RESPUESTA

José Luis Jiliberto Herrera

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6812210025>


CAPÍTULO 6..... 70







A CONTRIBUIÇÃO DO GRUPO META NO PROCESSO CRIATIVO E PROJETUAL ATRAVÉS DA MAQUETE FÍSICA NO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO-UFSM/CS

Ana Elisa Souto

Mylena Roehrs


Pedro Gabriel Pedra Kolbe

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6812210026>

CAPÍTULO 7	82
DIMENSIONES FACTORIALES DE LA BELLEZA EN LOS CENTROS HISTÓRICOS	
Sara González Moratiela	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6812210027	
CAPÍTULO 8	95
PERCEÇÃO DA PAISAGEM SONORA DE UM PARQUE URBANO	
Elcione Maria Lobato de Moraes	
Paulo Chagas Rodrigues	
Izabel Bianca Araújo Lopez	
Mayanne Silva Farias	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6812210028	
CAPÍTULO 9	108
RESTAURO ABERTO: UMA EXPERIÊNCIA PARA VALORIZAÇÃO E CONSERVAÇÃO DE PATRIMÔNIO ARTÍSTICO-CULTURAL	
Eliana Zaroni L. Silva	
Noemi Zein Telles	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.6812210029	
CAPÍTULO 10	122
DESTRUIÇÃO DE MONUMENTOS: ATENTADO À MEMÓRIA OU RESOLUÇÃO DE DESAVENÇAS?	
Melissa Ramos da Silva Oliveira	
Maria Augusta Deprá Bittencourt	
Victória Christina Simões Pinheiro	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.68122100210	
CAPÍTULO 11	134
ALVENARIAS VERNÁCULAS: RECUPERAÇÃO E DIFUSÃO DE SISTEMAS CONSTRUTIVOS DE SÃO JOÃO DEL-REI E REGIÃO	
Mariana Soares Arcanjo	
Alexandre Campos Silva	
Mateus de Carvalho Martins	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.68122100211	
CAPÍTULO 12	148
MAPEAMENTO DAS CONSTRUÇÕES MODERNISTAS DE PONTA GROSSA	
Ana Paula Alece Koch	
Jeanine Mafra Migliorini	
Mariana Lemos Cavalcanti Gomes Soares	
Natália Martins Michalowski	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.68122100212	
CAPÍTULO 13	159
ARQUITETURAS PINTADAS: O DENTRO E O FORA NAS CASAS GERMÂNICAS DE	

ANTÔNIO CARLOS

Sandra Makowiecky


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68122100213>

CAPÍTULO 14..... 172

**A ESTÉTICA SOCIAL E A SUSTENTABILIDADE DA ESTRUTURA APARENTE DA
ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA DE MARCOS ACAYABA**

Mariana Rabello de Almeida

Ricardo Carvalho Lima Ramos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.68122100214>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 194

ÍNDICE REMISSIVO..... 195

DESTRUIÇÃO DE MONUMENTOS: ATENTADO À MEMÓRIA OU RESOLUÇÃO DE DESAVENÇAS?

Data de aceite: 01/02/2022

Data de submissão: 03/12/2021

Melissa Ramos da Silva Oliveira

Universidade Vila Velha, Mestrado em
Arquitetura e Cidade
Vila Velha, Espírito Santo
<https://orcid.org/0000-0002-8529-5180>

Maria Augusta Deprá Bittencourt

Universidade Vila Velha, Mestrado em
Arquitetura e Cidade
Vila Velha, Espírito Santo
<https://orcid.org/0000-0002-3115-8949>

Victória Christina Simões Pinheiro

Universidade Vila Velha
Vila Velha, Espírito Santo
<https://orcid.org/0000-0002-0940-0487>

RESUMO: Na metade de 2020 o debate sobre a destruição de monumentos reacende e ganha destaque mundial. Diversas manifestações contra as estátuas de pessoas que remetem a figuras racistas ocorrem por todo mundo, com forte repercussão nas redes sociais. Esse artigo busca tecer algumas reflexões sobre o contexto que suscita o desejo de destruição desses monumentos. Seu objetivo é compreender as narrativas envolvidas na desapatrimonialização desses bens. O método baseia-se em uma fundamentação teórica que envolve a discussão sobre memória, história e preservação de monumentos, bem como na pesquisa de dados na mídia (jornais e revistas) para contextualizar

e traçar uma linha temporal da trajetória dessa destruição. O artigo busca contribuir para uma reflexão crítica contemporânea sobre memória e preservação de monumentos.

PALAVRAS-CHAVE: monumentos, memória, desapatrimonialização, destruição, Movimento Black Lives Matter

ABSTRACT: In the middle of 2020, the discussion about destruction of monuments reignites and gain worldwide prominence. Several manifestations against statues of people that have been associated to racist figures have occurred all over the world with strong repercussions on social networks. This paper aims to weave some reflections about the context that has raised the desire for destruction of these monuments. Its goal is to understand the narratives that were involved in the depatrimonialization of these assets. The method is based on a theoretical foundation that involves the discussion of memory, history and monuments preservation as well as a search of data in the media (newspapers and magazines) to contextualize and to delineate a timeline of this trajectory.

KEYWORDS: Monuments, memory, depatrimonialization, destruction, Black Lives Matter Movement.

1 | INTRODUÇÃO

Ainda durante o contexto da pandemia, em junho de 2020 a discussão sobre a permanência de alguns monumentos históricos ganha destaque, sobretudo após a morte de

George Floyd, um civil negro que foi assassinado brutalmente por um policial branco nos EUA. Esse episódio ascende inúmeras discussões sobre racismo e se fortalece rapidamente com os debates no mundo virtual. No contexto do ciberespaço e das manifestações nas redes sociais, os protestos se espalham pelas ruas de importantes cidades ao redor do mundo e se estendem até a depredação de estátuas. Das práticas racistas contra os negros, a crítica se expande aos escravocratas e, posteriormente, às figuras históricas com um passado questionável. Os manifestantes buscam a derrubada de monumentos que simbolizam representantes de uma história considerada vergonhosa. Segundo Ramires (2019, p. 29), o anseio por um mundo melhor e a aspiração por mudanças incitam a criação de práticas colaborativas no ciberespaço com o intuito de “denunciar condições opressivas e desigualdades sócio espaciais, estimular posicionamentos críticos e participativos na produção do espaço urbano, fortalecendo a dimensão do coletivo”.

Nesse contexto, reacende-se o debate sobre a preservação de monumentos e a destruição do patrimônio, bem como a reflexão sobre qual história deve ser perpetuada e quais memórias podem ser reavivadas. Como em outros momentos da história, a noção de perda e destruição permeia a discussão sobre patrimônio e sua salvaguarda, porém fortalecido pelo debate no contexto da era da informação. Fortuna (2020, p.19) afirma que não é fácil selecionar e classificar os bens a serem elegidos como patrimônio na atualidade, pois a ausência de critérios classificatórios socialmente construídos e bem definidos culmina “na falta de negociação democrática dos sentidos da patrimonialidade”. Legitimar os bens que efetivamente provocam “ressonância” (GONÇALVES, 2005) permanece como um desafio.

Esse artigo busca tecer algumas reflexões sobre o contexto que suscita o desejo de destruição dos monumentos no contexto atual, com o objetivo de compreender as narrativas envolvidas na tentativa de desapatrimonialização desses bens. A primeira parte do artigo define os conceitos de memória e história para compreender sua relação com a preservação de monumentos. A segunda parte retoma a discussão sobre monumentos e sua função como ferramenta para resgate da história pública e gatilho para acionamento da memória. A terceira parte apresenta as principais estátuas vandalizadas ao longo de 2020 – em uma sequência cronológica, influenciadas sobretudo pela retomada do movimento *Black Lives Matter*. A destruição das estátuas no Brasil complementa a discussão na quarta parte. E algumas reflexões sobre esse debate são enunciadas para finalizar o artigo.

2 | MEMÓRIA E HISTÓRIA

Memória e história constituem dois conceitos importantes que permeiam a discussão em torno da preservação das estátuas. O famoso historiador francês Jaques Le Goff (1990) enuncia que a memória constitui um fenômeno individual e psicológico conectado à vida social e Halbwachs (1990) afirma que a evocação do passado constitui uma fonte de

testemunho, pois permite o resgate de pessoas e fatos sociais relevantes para os grupos e se torna essencial para constituição da identidade individual ou coletiva.

Santo Agostinho (1999) destaca que o passado corresponde à própria história, no entanto sobrevive no presente e justifica muito dos acontecimentos atuais e Bosi (1992) relata que cada geração possui em sua memória de acontecimentos aspectos que efetua a amarração de sua história. A memória está em constante evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, apesar de suas deformações sucessivas. Vale a pena ressaltar que memória não se assemelha à lembrança (OLIVEIRA, FERREIRA e GALLO, 2017, p. 212).

A memória pode ser de um acontecimento que o indivíduo pode não ter vivido presencialmente, mas se identifica, pois ela é coletiva ou compartilhada. Essa memória compartilhada não precisa ser apenas entre grupos, ela pode conectar ideologicamente pessoas de um país inteiro, de grupos sociais distintos por conta de um trauma em comum. Outro aspecto importante é que as memórias possuem personagens, protagonistas que são o seu o centro. Edward Colston, por exemplo, é considerado um herói na época em que a estátua em sua homenagem é erguida na cidade de Bristol na Inglaterra. Permanece como um benfeitor da memória coletiva do povo por muitos anos, inclusive pela população que apenas conhece sua história por se engajar nos assuntos da cidade. Entretanto, neste ano de 2020, sua fama transforma-se completamente diante de uma memória que é construída pelos relatos que narram as crueldades cometidas por Colston traficando escravos.

Verifica-se assim, que a memória é dinâmica e, mesmo que comum a um povo, as interpretações dos acontecimentos guardados tornam-se variáveis na mente da população. Para elucidar, destaca-se outro exemplo: a população que sofreu nas mãos dos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Esse grupo de pessoas, efetivamente se lembra com mais tristeza e pavor se comparado a quem não sofreu. Inclusive, não é necessário que as memórias apenas permaneçam na mente do povo judeu. Todavia, as lembranças e interpretações traumáticas são contadas entre gerações, fazendo com que a história possua sempre, pelo menos, dois pontos de vista. O fenômeno de derrubada das estátuas traz à tona memórias das narrativas do passado que retratam as atrocidades cometidas, principalmente contra os povos negros. A memória é uma reconstrução do passado que serve para atender interesses do presente (SANTO AGOSTINHO, 1999), assim como a sequência de narrativas históricas que relembram o sofrimento dos antigos povos escravizados está sendo recontada, servindo como pano de fundo para a derrubada dos monumentos.

A história, por outro lado, é uma reconstrução incompleta do passado (NORA, 1993). É uma ciência que necessita de respaldo teórico. Há historiadores, como Le Goff (1990) que definem a história como uma narração, verdadeira ou falsa, de acontecimentos passados ou Marc Bloch (2001) que compreende que a história é a ciência que estuda o homem e suas ações ao longo do tempo. O trabalho da história não é glorificar e enaltecer

o passado, mas sim entendê-la. Bloch (2001) destaca que pode ser tanto um trabalho de compreensão do presente pelo passado quanto do passado pelo presente. Diferentemente da memória, a história “demanda análise e discurso crítico” (NORA, 1993, p. 9), tornando-a mais universal. Por isso, a memória se enraíza no concreto, na imagem e nos objetos. Percebe-se claramente que os monumentos que foram colocados em pauta de discussão recentemente estão rodeados de memórias, mantendo um elo com o presente por meio dos debates. E “a história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas” (NORA, 1993, p. 9).

3 | MONUMENTOS E MEMÓRIA

O debate referente à derrubada das estátuas, permite também que se retome a discussão sobre monumento e monumento histórico. Segundo Choay (2001, p.17), “monumento vem do termo *monumentum*, derivado de *monere* (advertir, recordar), que se liga ao próprio conceito de memória”. Não se trata apenas de fornecer informação histórica, “mas de excitar pela emoção, uma memória viva” (CHOAY, 2001, p. 17). Sendo assim, conclui-se que o termo monumento se enquadra em qualquer artefato criado por uma comunidade de indivíduos para fazê-los recordar de outras gerações, rituais, costumes e crenças.

O debate sobre a preservação dos monumentos não é recente. A Carta de Atenas de 1931 evidencia a preocupação com a ambiência dos bens e enuncia que o deslocamento das estátuas monumentais para outros locais, como museus por exemplo, é expressamente proibido. A Carta de Veneza de 1964 também corrobora do mesmo posicionamento e proíbe a retirada de estátuas ou parte delas do seu local de origem, pois compreende que o monumento é inseparável do meio onde se situa, bem como de sua própria história. A Carta italiana do Restauro de 1972 destaca que a remoção do seu local de origem é expressamente proibida, exceto por razões extremas de sua conservação. Nesse debate, além da ambiência, também é fundamental compreender o contexto e o momento em que os monumentos foram erguidos. Segundo Iris Kantor, “não faz sentido homenagear escravocratas, mas é preciso também compreender em que circunstâncias políticas tais monumentos foram perpetuados” (ZACHARIAS, 2020). Ou seja, as estátuas são os espelhos de uma época diferente, dos costumes e realidades que deixaram sua marca na história.

Como já foi abordado, o monumento configura-se na interpelação da memória e a carrega de forma viva e forte. Ilustrando, a estátua de Winston Churchill, no Reino Unido, trata de uma representação do ex-primeiro-ministro do Reino Unido, que conduziu a nação à vitória na Segunda Guerra Mundial. Isto significa que a estátua de Churchill traz a rememoração para a comunidade, entre gerações, de quem foi esta personalidade, “faz o passado vibrar dentro da existência do presente” (MENEGELLO, 2000). A estátua do orador

é a garantia das origens de quem vive naquele contexto urbano. Entretanto, ao alvorecer das discussões ao redor das estátuas, novos debates e acusações em torno da figura de Churchill são feitas. No dia 7 de junho, a estátua do ex-primeiro ministro é vandalizada: apagam o nome da personalidade e escrevem no lugar “era um racista” (CENTAMORI, 2020). Destaca-se que a função da memória vai sendo progressivamente apagada, perde a sua importância nas sociedades ocidentais. Sendo assim, o monumento torna-se a partir do século dezenove primordialmente uma experiência estática”. Quatremère de Quincy afirma que o monumento se refere a um bem passível de se tornar um “agente de embelezamento e de magnificência nas cidades” (CHOAY, 2001, p. 19), isto é, o monumento passa de evidência de memória e transforma-se em criador da mesma. Isso pode ser comprovado a partir do momento em que novos acontecimentos – os debates e protestos – são realizados em torno das estátuas e concebem novas memórias. Logo, o conceito de ‘monumento’ configura-se como uma invenção ocidental que se fortalece a partir da segunda metade do século XIX.

Mesmo após décadas terem se passado, o conceito de monumento ainda permanece vivo. Se um dia os monumentos eram erguidos como uma forma de homenagear ou afim de marcar um grande acontecimento, hoje eles não apenas exercem a função de marcos urbanos, mas de ferramentas de história pública. Eles servem para aprendermos sobre a história de nossa própria sociedade, uma religião, ou sobre um local que visitamos.

Todos esses exemplos criam um elo com o passado, com a lembrança de um povo. Mas por que necessitamos destes elementos? Eles ligam o povo ao seu passado e identidade. De acordo com Nora (1993, p. 17), “todos os corpos constituídos [...] sentem a necessidade de ir em busca de sua própria constituição, de encontrar suas origens”. As estátuas transpassam o limite de serem apenas referências na paisagem urbana e transformam-se em marcas das experiências de um povo. A profusão dos monumentos e registros históricos deve ser vista como “o sintoma de uma crise nas formas como experimentamos as relações entre passado, presente e futuro” (GONÇALVES, 2015, p. 216). Nesse sentido, verifica-se que as experimentações e vivências, as emoções, os estados de ânimo, o nível de alerta, a ansiedade e o estresse modulam fortemente as memórias do ser humano, ou seja, enfatiza-se o papel “das emoções, positivas ou negativas, bem como dos sentimentos que as seguem como moduladores das memórias humanas” (ZUANON *et al*, 2020, p. 8).

4 | O MOVIMENTO DE DERRUBADA DAS ESTÁTUAS

Ao longo do mês de junho de 2020, cresce no mundo a discussão com relação a permanência de alguns monumentos em diversos países. Em razão desses acontecimentos, diversas lideranças, historiadores e a sociedade civil levantam diferentes propostas para debater o tema e trazer possíveis respostas à realidade da sociedade civil atual e tratar a

história, para que as atitudes de hoje não sejam vistas como um erro no futuro.

Essa discussão ecoa mais fortemente após uma onda de protestos antirracistas se iniciar nos Estados Unidos, com o episódio da morte de George Floyd, um civil negro que é assassinado brutalmente por um policial branco, no dia 25 de maio de 2020. O episódio - registrado por diversas pessoas que passavam no local - rapidamente ganhou visibilidade pelas redes sociais. O momento do assassinato, com o policial ajoelhado no pescoço do civil, traz à tona um movimento iniciado em 2014 chamado *Black Lives Matter*, como mostra a linha do tempo da Figura 1. A causa, que movimentou redes sociais e as ruas das cidades, visa combater e denunciar a forma agressiva que os policiais norte-americanos tratam a população negra no país. *Black Lives Matter* também surge devido a uma reação de revolta frente ao assassinato cruel de Eric Garner por um policial branco, que também foi filmado por testemunhas.

A causa ultrapassa as fronteiras norte-americanas e espalha-se pelo globo, com o crescimento de protestos civis tomando as ruas em prol da causa antirracista. No dia 6 de junho de 2020, civis organizam protestos e marchas na Europa, Austrália, Coreia do Sul e Japão em apoio aos protestos que aconteceram nos Estados Unidos. Em Londres, pessoas se reúnem no Parliament Square; na Alemanha, protestos e passeatas em Alexanderplatz; na cidade de Paris, pessoas tomam a Praça da Concórdia; dentre outros lugares que se tornam palco de marchas, gritos e pedidos por justiça. Com a força dos protestos, a atenção volta-se para certas estátuas espalhadas pelas cidades que os sediaram. Esses movimentos possuem como foco a derrubada de estátuas que representam, principalmente, figuras históricas com um passado questionável, personalidades da história que, em algum momento da vida, contribuem ou são responsáveis por atos hediondos para com os povos negros e/ou indígenas. O assunto, já em pauta há anos, ganha atenção novamente da mídia quando a estátua de Edward Colston, em Bristol, Reino Unido, é retirada de seu pedestal em julho de 2020 e jogada em um rio.

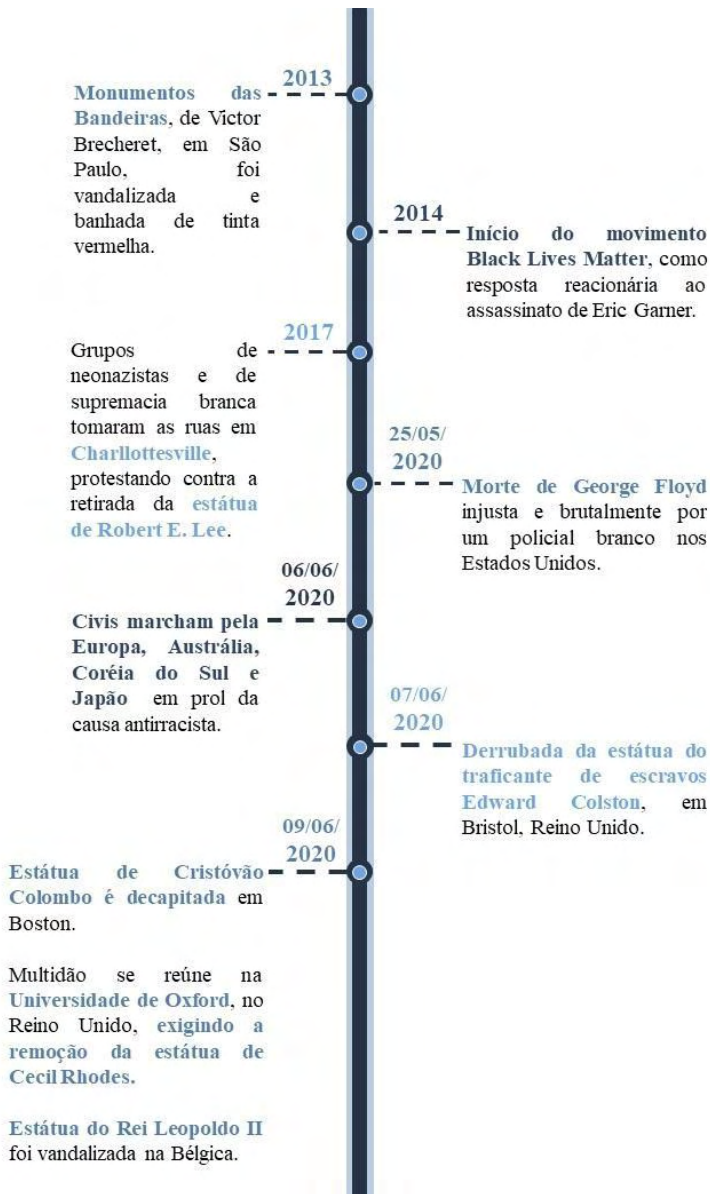


Figura 01: linha do tempo do movimento da derrubada das estátuas

Fonte: autores, 2020

O que começa como um ato de revolta e pedido de justiça em Bristol transforma-se em uma nova causa. No dia 9 de junho de 2020, uma multidão se encontra na Universidade de Oxford, no Reino Unido, exigindo a remoção da estátua de Cecil Rhodes, um colonizador britânico e ex-aluno da instituição, que acreditava na superioridade da raça branca. Oito dias depois, ocorre uma votação por parte dos funcionários e a estátua é removida. No

mesmo dia 9, na Antuérpia, Bélgica, a estátua do rei Leopoldo II sofreu danos. Nem mesmo a estátua do grande navegador italiano Cristóvão Colombo é poupada dos protestos. Ainda no dia 9 de junho de 2020, a estátua foi decapitada durante a noite em Boston. Estátuas dessa mesma personalidade são vandalizadas em Wilkes-Barre e Springfield.

Os casos supracitados são alguns dos muitos que tomaram conta das mídias no mês de junho de 2020. Estátuas de líderes políticos, como Thomas Jefferson, nos Estados Unidos; traficantes de escravos, como Robert Milligan, em Londres; colonizadores, como John Hamilton; entre tantos outros exemplos sofrem depredações ou são removidas dos locais onde estão inseridos.

5 | BARRIL DE PÓLVORA

O que ocorreu em junho de 2020 traz à tona a discussão, mas não é a primeira vez que ocorre a remoção de estátuas de pessoas que simbolizam algum prejuízo para a população negra. No dia 11 de agosto de 2017, em Charlottesville, no estado de Virgínia (EUA), grupos de simpatizantes neonazistas e da extrema-direita, juntamente com homens e mulheres que portam fuzis e tochas acesas, saem pelas ruas protestando e difamando negros, homossexuais e judeus, como pode ser observado na linha do tempo da Figura 1. Os militantes também carregam cartazes com *slogans* como “vidas brancas importam”, uma referência ao movimento *Black Lives Matter* às avessas.

No Brasil, a história não é diferente. Em outubro de 2013, manifestantes vandalizam e banham de tinta vermelha o Monumento às Bandeiras, obra do escultor Victor Brecheret, em São Paulo. O manifesto é uma resposta contra a Proposta de Emenda à Constituição – a PEC 215, que visa mudar a demarcação de terras indígenas no país. A frase ‘bandeirantes assassinos’ é escrita com tinta branca na estátua. Com essa recente onda de protestos, há muitas estátuas que estão na mira de serem derrubadas. Um exemplo é a estátua do bandeirante Borba Gato na cidade de São Paulo, tido como herói nacional. O explorador é responsável por desbravar territórios brasileiros e descobrir minas de esmeraldas e jazidas de ouro. Por conta disso, recebe um monumento em sua homenagem, uma estátua de 10 metros no bairro de Santo Amaro, em São Paulo. Porém, assim como outras personalidades da história, Borba Gato pode ter um passado questionável, pois, quando jovem, caça indígenas e os torna escravos. Em 2008, um grupo de moradores já questionava o valor da homenagem, ao destacar que a estátua valoriza um homem de atitudes questionáveis. Por esse motivo, propõem a sua remoção. Porém, essa manifestação não surte o efeito esperado e as reivindicações não prosperam, mas a semente de reflexão permanece.

Em uma ação de protesto, em setembro de 2016, ambas as estátuas – Borba Gato e Monumento às Bandeiras – foram pintadas nas cores rosa, verde claro e amarelo, em ação de protesto. Doze anos depois, motivado pelos protestos ao redor do globo e pela força do mundo virtual, a ideia da remoção do monumento do Borba Gato volta com toda

a força. Apoiado pelas organizações sociais e com ampla difusão nas redes virtuais, a remoção de monumentos que simbolizam algum episódio escravocrata da história ganha um destaque extra na cidade de São Paulo. As seguintes estátuas ganham visibilidade pela sua conotação negativa: Pedro Álvares Cabral; Bartolomeu Bueno da Silva; Glória Imortal aos Fundadores de São Paulo; Monumento às Bandeiras; e ainda a própria estátua do Borba Gato.

6 I ATENTADO A MEMÓRIA OU RESOLUÇÃO DE DESAVENÇAS?

Juntamente com a derrubada das estátuas, as manifestações têm causado alarde na comunidade científica a respeito de se prestar homenagens a personalidades da história que fizeram algum mal, principalmente com relação à colonização exploratória e escravidão. As ideias que cercam a mente dos manifestantes cresceram, envolvendo discussão de vários aspectos: políticos, educacionais, disputa de narrativa histórica, revisionismo e, obviamente, racismo.

Vários estudiosos das áreas de história, filosofia e artes se pronunciaram a respeito. Há quem esteja do lado da preservação das esculturas que, de qualquer forma, fazem parte do patrimônio cultural. Laurentino Gomes, jornalista e escritor brasileiro comentou através das redes sociais, a respeito da sugestão de derrubar a estátua do bandeirante Borba Gato: “Sou contra. Estátuas, prédios, palácios e outros monumentos são parte do patrimônio histórico. Devem ser preservados como objetos de estudo e reflexão” (BRITO, 2020). Maria Helena Machado, historiadora da USP, alertou sobre a dinamicidade da história, que possui sempre dois lados: “A história é dinâmica, nesse sentido sua narrativa é mutável, embora os dados que a compõem não possam ser mudados ao bel prazer daquele que a estuda” (BRITO, 2020).

Opiniões contrárias à preservação também foram expressas. Ricardo Santhiago, compreende a derrubada das estátuas – por serem memórias que expressam ódio para algum grupo -, porém considera um “ato de rasura”, que, por mais que queira, não apaga o objeto, mas transforma-o. Ou seja, a derrubada de monumentos produz novas camadas de discussão, “desafiando a memória e aguçando a disputa pela cidade, além de explicitar o conflito” (LEAL, 2020). O historiador e escritor americano Adam Hochschild comentou que a derrubada da estátua do rei Leopoldo II, na Bélgica. Para ele, esta ação representa um reconhecimento do sofrimento e exploração do povo congolês. “Até isso começar a acontecer, a Bélgica tinha mais de 400 estátuas, monumentos, placas ou nomes de ruas celebrando figuras do regime colonial que exploravam. [...] Está na hora de eles caírem”, relatou o historiador (GONÇALVES, 2020). Para os que comemoram a retirada desses monumentos, a remoção das estátuas simboliza um rompimento com o passado opressor daquele povo, que não deve ser sequer homenageado em cima de pedestais.

Há, ainda, estudiosos que pensam que este momento levanta o importante debate

sobre a principal questão social que é levantada, a raiz do movimento *Black Lives Matter*: o racismo institucionalizado. Para Ana Paula Araujo, tanto na Europa como e em outras regiões das Américas, o debate sobre a memória pública da escravidão no Brasil também é diretamente associado ao racismo e às desigualdades raciais (GZH, 2020). Corroborando com a ideia, Éder Silveira afirma que o racismo, que ora é velado e ora é explícito, sempre será uma marca do período colonial do Brasil e de outros países. O estudioso afirma ainda que há obras retratando a própria escravidão, porém as obras que demarquem a presença dos indígenas e a imigração africana ainda são tímidas, dando mais destaques a personagens da resistência a este período cruel.

7 | CONCLUSÃO

A onda de protestos em torno das estátuas ao redor de todo o mundo reaviva a discussão da importância dessas personalidades históricas imortalizadas em metal. Tendo em vista os aspectos observados, conclui-se que todo debate em torno dos monumentos e sua derrubada ou não, está atrelada a aspectos e valores muito maiores que a própria obra em si. Como mencionado ao longo do artigo, o papel do monumento é muito maior que apenas o bem em questão e sua materialidade. Sua função de recordar e rememorar rituais, costumes e crenças está relacionada a época de sua criação e as realidades econômica, social, cultural e política daquela época.

Mas enfim, o que recordar? Quais memórias recordar? Como discutido no artigo, as memórias criam registros de nossa vida, carregam imagens, cheiros, sons, entre outras sensações para o armazenamento no interior da mente. Porém, vale ressaltar que a mente também registra o estado emocional na criação de uma memória. Ao se recordar um acontecimento significativo é possível também lembrar dos sentidos atrelados a ele. As memórias carregam emoções como bagagem e atuam de diferentes formas. As decisões de um indivíduo são consolidadas na memória associadas com as respostas emocionais que as próprias decisões geram. Isto significa que essas informações serão utilizadas no futuro para novas tomadas de decisões (DÁMASIO, 2000). Dessa forma, o indivíduo poderá evitar comportamentos que o levam a uma situação desvantajosa ou desagradável no passado e tomar outros caminhos.

Toda história da humanidade é marcada por violências. E algumas delas são inaceitáveis hoje. Mas vale ressaltar, que apesar de negativas, fizeram parte da formação histórica da sociedade e moldaram o homem moderno como se constitui hoje. O que era aceitável no passado pode ser inaceitável nos dias atuais ou mesmo ter se tornado um crime, mas o fato de hoje não ser mais aceito não significa que este não existiu. A importância de se revelar o outro lado da história de uma pessoa pública já demonstra a importância de se ter acesso a essa informação hoje. O conhecimento da forma de pensar e agir de alguém no passado exigiu um registro histórico para que esses comportamentos

fossem preservados até o momento, independente dessas práticas condizem ou não com o que se pensa na atualidade.

Não há uma resposta única que defina qual seria o melhor a ser feito - derrubada, retirada ou permanência - desses monumentos de personalidades históricas que de algum modo disparam em determinados grupos o sentimento de ódio. Esse sentimento, difunde-se por grupos diversos por meio do sentimento de empatia ao estimular o desenvolvimento de um sentido cognitivo proveniente do sentimento alheio, com muitos exemplos durante toda a história. Empatia é um comportamento ligado à percepção do sentimento do outro, como se elas mesmas estivessem vivenciando as experiências alheia. Em suma, é o fato que permite que um indivíduo possa experimentar o sofrimento ou a alegria do outro. Essa vivência é essencial para “alicerçar uma considerável porção daquilo que constitui a moralidade e a justiça que forma os ingredientes da dignidade humana” (DAMÁSIO, 2018, p. 237-238).

Tais acontecimentos, influenciados pela empatia, algumas vezes são mais lembrados do que memórias positivas, especialmente por quem as viveu pessoalmente. Algumas vezes o ódio tem melhor memória do que o amor. Todavia, defende-se que a violência nunca será uma opção que pode ser justificada, por nenhum lado.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos à Fapes - Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo pelo financiamento da pesquisa, Edital FAPES nº 22/2018 - Programa Primeiros Projetos - PPP, termo de outorga 065/2019. Os resultados apresentados integram a iniciação científica da discente Victória Christina Simões Pinheiro, pesquisa “Emoção e sentimento na representação do espaço” com financiamento da Fapes.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOSI, Ecléa. Memória da Cidade: Lembranças Paulistas. In: SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. **O direito à memória: patrimônio e cidadania**. São Paulo: DPH, 1992, p. 145-149.

BRITO, Sabrina. Derrubada de estátuas: vandalismo ou reparação histórica? **Veja**, 9 jun. 2020. Brasil.

CENTAMORI, Vanessa. Após ser pichada, estátua de Winston Churchill é blindada em Londres. **Uol**, 15 jun. 2020. Mundo. Aventuras na História.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: EdUNESP: Estação Liberdade, 2001.

DAMÁSIO, António. **A estranha ordem das coisas. As origens biológicas dos sentimentos e da cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

DAMÁSIO, António. **E o cérebro criou o homem**. São Paulo: Companhia das 00.

FORTUNA, Carlos. Patrimônios e sociedade: desafios ao futuro. **Revista Confluência Cultural**, v. 9, n. 1: Patrimônios e sociedade: desafios ao futuro, p. 9-22, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.21726/rccult.v9i1.999>.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. **Estudos históricos**, v. 28, n. 55, Rio de Janeiro, jan/jun 2015. <https://doi.org/10.1590/S0103-21862015000100012>.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônio. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, 2005.

GONÇALVES, Marina. 'Fico feliz em ver estátuas caindo', diz escritor e professor americano. **Época**, 01 jul. 2020. Mundo.

GZH. Historiadores analisam como derrubada de estátuas se insere na "batalha pela memória" da escravidão e do racismo. **GZH**, 18 jun. 2020. Comportamento.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice/ Revista dos Tribunais, 1990.

LEAL, Bruno. Especialistas comentam derrubadas de monumentos e estátuas pelo mundo. **Agência Café História**, 17 jun. 2020.

LE GOFF, Jaques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MENEGUELLO, Cristina. A preservação do patrimônio e o tecido urbano. Parte 1: a reinterpretação do passado histórico. **Arquitextos**, São Paulo, ano 01, n. 003.05, Vitruvius, ago. 2000.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, PUC-SP, n.10, p.07-28, dez.1993.

OLIVEIRA, Melissa Ramos da Silva; FERREIRA, Claudio Lima; GALLO, Haroldo. Memórias (In)visíveis: reflexões sobre o centro de Campinas-SP. **ARA**, São Paulo, Grupo Museu/Patrimônio FAU-USP, n. 3, p. 209-230, 2017. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2525-8354.v0i3p209-230>.

RAMIRES, Júlio Cesar de Lima. Ciberespaço e patrimônio cultural digital: algumas reflexões. **PatryTer**, v. 2, n. 3, p. 26-36, abr. 2019.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. Coleção Os Pensadores.

SILVA, George Batista da. **Aforismos, adágios e reflexões. Da tragédia ao humor**. Joinville: Clube de Autores, 2013.

ZACHARIA, Brenda. Estátuas racistas devem ser derrubadas? Veja o que dizem os historiadores. **Estadão**, 23 jul. 2020. Notícias/geral.

ZUANON, Rachel *et al.* Z. Memory, emotions and feelings: impacts on spatial and affective perception of the central urban area of Campinas. **DAT Journal**, v.5, n.1, 2020, p. 4-21. <https://doi.org/10.29147/dat.v5i1.166>.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Antônio Carlos 5, 159, 160, 161, 162, 165, 170, 171

Arquitetura 1, 2, 3, 5, 1, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 44, 45, 46, 47, 48, 53, 54, 55, 56, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 95, 106, 109, 121, 122, 134, 135, 136, 137, 139, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 158, 160, 162, 171, 172, 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 187, 189, 192, 193, 194

Arquitetura contemporânea 5, 172, 181, 183

Arquitetura Modernista 151, 158

Arquitetura vernacular 136, 147

C

Casas germânicas 4, 159

Centro histórico 82, 84, 85

D

Despatrimonialização 122, 123

Direito à cidade 1

E

Ensino de arquitetura 2

Estética 5, 38, 47, 54, 71, 82, 84, 86, 87, 88, 90, 92, 93, 94, 95, 100, 102, 103, 113, 114, 115, 172, 173, 174, 175, 177, 179, 180, 181, 182, 192, 193

L

Lenguaje arquitectónico 62

M

Madrid 42, 82, 84, 85, 94, 107, 164

Mapeamento 4, 148, 149, 151, 152

Maquete física 3, 70, 72, 75, 76, 77, 80, 81

Marcos Acayaba 172, 173, 174, 178, 181, 182, 185, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193

Memória 1, 2, 4, 109, 111, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 130, 131, 132, 133, 160, 161, 169

Metrô de São Paulo 108, 109

México 18, 19, 20, 25, 26, 27, 42

Monumento 33, 125, 126, 129, 130, 131

P

Paisagem sonora 4, 95, 97, 98, 105, 106, 107

Paisagem urbana 126

Parques urbanos 95, 106, 107

Patrimônio artístico 4, 108

Pessoas em situação de rua 3, 15, 16

Planejamento urbano e regional 71

Ponta Grossa 4, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 157, 158

Processo de Projeto 46, 48, 54, 70, 72, 73, 75, 76, 80, 81, 173, 177

Produção social da habitação 18, 20, 23, 24

Projeto arquitetônico 1, 73, 80, 81, 172, 173, 180

Projeto executivo 3, 44, 45, 48, 54, 55

Q

Qualidade ambiental 96, 106

R

Restauração aberta 4, 108, 109, 110, 111, 116, 118

T

Taller de paisaje 3, 57, 58, 62, 64

Talleres artísticos y técnicos superiores 3, 27, 28, 29

Técnicas construtivas 46, 134, 135, 137, 139, 140, 145, 147, 149, 182

Transdisciplinaridade 3, 18, 23, 24, 25

U

Urbanismo 1, 2, 3, 1, 15, 16, 17, 18, 27, 44, 47, 52, 55, 70, 71, 72, 73, 77, 78, 79, 80, 81, 95, 106, 146, 148, 151, 193, 194

V

Vanguardias soviéticas 27, 38

Vkhutein 3, 27, 28, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 42

Vkhutemas 3, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43

ARQUI TETURA E URBANISMO:

SENSIBILIDADE PLÁSTICA,
NOÇÃO DO ESPAÇO,
IMAGINAÇÃO E
MEMÓRIA VISUAL

2

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

ARQUI TETURA E URBANISMO:

SENSIBILIDADE PLÁSTICA,
NOÇÃO DO ESPAÇO,
IMAGINAÇÃO E
MEMÓRIA VISUAL

2

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br